

Urbanografia e teoria ator-rede: olhares em campos instáveis

Cecilio Ricardo de Carvalho Bastos
cecilioricardo@gmail.com
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Resumo: A urbanografia comporta artifícios expressivos de arte e comunicação que transformam as cidades em verdadeiras galerias públicas. Ela pode ser potencializada com a utilização de processos infocomunicacionais que contribuam para o enfraquecimento das dinâmicas de invisibilidade e para o apoio ao letramento contextualizado. A proposta desse artigo, que se insere em uma pesquisa maior sobre urbanografia a partir da Teoria Ator-Rede (TAR), é discutir, particularmente, o campo da controvérsia. Esse aspecto pode ser interessante para pensar as oscilações da arte urbana antes da sua estabilização enquanto actante de novos desdobramentos.

Palavras-chave: Urbanografia; Teoria ator-rede; Cidades.

Urbanography and actor-network theory: looks in unstable fields

Abstract: The urbanography holds devices expressive of art and communication that transform cities into true public galleries. It can be potentiated by the use of infocommunicative processes that contribute to the impairment of the dynamics of invisibility and support to contextualized literacy. The proposal of this article, which is part of a larger research on urbanography and Actor-Network Theory (ANT), is discuss, particularly, the field of controversy. This aspect may be interesting to think the oscillations of urban art before stabilizing while actante of new events.

Keywords: Urbanography; Actor-network theory; Cities.

INTRODUÇÃO

Constituir a percepção de que uma cidade, um bairro, uma vila ou comunidade pode se revitalizar a partir do enfrentamento à invisibilidade é uma experiência que, em outros lugares, conseguiu reduzir índices de criminalidade, desinformação e outros danos incluindo-se físicos (DIMENSTEIN, 2006). É possível perceber que grande parte dessa revitalização social se deve à cultura da arte como movimento catalisador das expressões intelectuais e importante atividade educativa, ainda que, a educação não tem a obrigação de formar artistas, mas indivíduos capacitados e inseridos na sociedade. De todo modo, é necessário potencializar a cultura com valores diversos buscando, através das tendências individuais, ampliar a formação do gosto, estimular a inteligência e contribuir para a formação da personalidade, partindo do pressuposto de que com diversidade, o indivíduo utiliza e aperfeiçoa processos perceptivos, imaginários, observativos, lógicos etc (GUATTARI, 1986).

Atualmente, observa-se que o modo como projetos socioculturais estão disponibilizados, sem generalizações, são poços abertos para novos processos criativos e inerentes da singularização do indivíduo. A facilidade da representação torna-se o eixo central de um processo amputado de agenciamentos criativos. Ensinar a bater lata, reproduzir contos, copiar desenhos e repetir a estrutura monocórdia da música de massa pode encurtar a criatividade do indivíduo. Aqui, vale ressaltar que, longe de ser uma tentativa de opor o signo verbal a outras competências, trata-se do modo como diversos aparatos culturais desenvolvem adaptações de letramento e não contemplam um desenvolvimento mais amplo da aprendizagem. Exemplos de práticas que ainda não enxergam os problemas que se assentam na sociedade. Contudo, percebe-se a conservação de uma rede de influências que está atrelada a transmissão de massa e a ausência de estrutura cultural, contribuindo com a manutenção de fortes impactos na composição subjetiva e valorativa do indivíduo. Verifica-se, também, o estrangulamento dos debates, a redução das oportunidades, a censura da diversidade e a superficialidade dos ensinamentos. A problemática não é pela formação clássica e/ou erudita de uma cultura, mas pela disponibilidade da diversidade para que se abra o leque da criatividade para coisas originais e se formule sentidos dinâmicos para a produção do saber.

“A trajetória do eu tem uma coerência que deriva de uma consciência cognitiva das várias fases da vida” (GIDDENS, 2002, P. 75). Descortina-se, assim, a oportunidade para pensar novas formas de escritas em circunstâncias de insegurança, embate e invisibilidade. Para além de um flagrante, a fotografia documental (Foto 1) é uma construção de sentido a partir de argumentos visuais que implicam a condução de uma determinada leitura dos fatos

pela maneira como ele é fotografado (GURAN, 1992). Verifica-se a recusa em construir uma visão abrangente do tema e a opção de conceber um aspecto específico do assunto. É nesse enlace de pensamento que essa pesquisa lança as lentes na urbanografia¹ como uma estratégia facilitadora da investigação e fazendo da fotografia um *plug-in*² responsável pela transmutação dos signos entre sistemas semióticos. Trata-se de um deslocamento de entidades para o campo dos bits e bytes.



Foto 1: Pintura na ponte Presidente Dutra na cidade de Juazeiro (BA). Cecilio Bastos, 07/04/2014.

Com traços marcantes da cultura contextualizada, a urbanografia apresenta conexões e articulações configurando-se como uma rede e/ou actante, isto é, “aquilo que gera uma ação, que produz movimento e diferença” (LE MOS, 2013, p. 42). Verifica-se no universo que gira em torno da urbanografia uma estreita relação entre marginalidade, enraizamento cultural, processos de invisibilidade e reprodução de suportes massivos, ações que aplicando a TAR³ evidenciam propriedades dessa rede. Sem a pretensão de impor aos atores uma definição deles mesmos ou dos seus mundos, ainda assim é possível dizer, a partir das descrições, que à medida que os jovens não alcançam a diversidade do que aconteceu e/ou acontece no universo cultural, a capacidade situacional dos indivíduos frente às leituras de mundo se retraem formando meros reprodutores de valores dominantes.

A estratégia de oferecimento do esporte único, do ensino teatral como reprodução de “estorinhas”, da música como batucada, do cinema como hollywoodianos, da fotografia como das revistas, da pintura como a reprodução que se vende nos supermercados, reafirma a incompetência da concepção argumentativa dos que gerenciam políticas culturais e produzem, na verdade, processos de subjetivação que colocam em jogo uma rica e heterogênea memória

¹ Também conhecida como arte urbana, intervenção urbana, *street art*, é uma expressão que se refere às manifestações artísticas desenvolvidas no espaço público ou coletivo (Anexo A e Anexo B).

² Em computação, um *plug in* é um conjunto de instruções que acrescenta funcionalidades a determinado software. Para a TAR, a metáfora do *plug in* se revela como um componente discreto capaz de fazer a circulação das entidades por dimensões (LATOURET, 2012).

³ A pesquisa conceitualiza elementos da Teoria Ator- Rede (TAR) e busca seguir os atores. Acredita-se que o pesquisador deve aprender com eles o que fazem, como e por que desenvolvem determinadas ações (LATOURET, 2012).

cultural, causando limitações e desconfiguração na instância da emancipação dos movimentos de raiz e outras criações. Mas tudo isso são causas temporárias e não consequências definidas que explicam outras associações.

Com o suporte da TAR, busca-se apontar a circulação e valorizar os actantes, humanos e não humanos, constituídos anteriormente por condições específicas, que pode se relacionar com outros actantes e produzir novas qualidades de existência e condições associativas. “A atenção está no fluxo, no movimento, na formação e no esfacelamento das associações” (LEMOS, 2013, p. 61).

Com vistas às perspectivas de construção deste estudo, é possível, neste momento, uma contribuição aplicada aos dispositivos culturais de espaços públicos, especialmente à urbanografia, ao tempo que promove o rastreamento de controvérsias⁴.

URBANOGRRAFIA E TEORIA ATOR-REDE

Movimentos de associação, articulações que se constituem como produto de um continuado e complexo processo de (re)definição, representam o coeficiente resultado de uma construção formada por variáveis, conjuntos de práticas discursivas que conectam sempre outros lugares e temporalidades. Na mesma instância, a urbanografia se caracteriza como uma manifestação artística concebida em espaços públicos ou coletivos, concebida pelas associações de humanos e não humanos.

Para identificar os diversos actantes, agenciamentos e mediações dentro do panorama desses arranjos artísticos que se constituem, é possível alinhar tais expressões, com convicção, ao conceito de rede como proposta de abranger o que se forma e deforma nos diversos espaços das cidades. Arrebata-se a pulsante dinâmica das relações dos espaços de interlocução social no sentido de criar uma correlação entre urbanografia e rede.

Como o que interessa aqui é o que circula, as intervenções urbanas são redes que surgem e desmancham-se através de dinâmicas com diversos objetos. Ao pensar nos processos comunicativos que essas redes emanam, observa-se uma comunidade que questiona o sucumbimento da memória, da valorização do próprio “Eu” e da noção daquilo que protagonizam. Verificam-se individualidades manipuladas, valores e vontades, discursos e opções articulados e desarticulados pelo mercado formador de personalidades. As múltiplas

⁴ A TAR define controvérsia como o lugar e o tempo da observação, onde se elaboram as associações. Nessa dimensão, o objeto surge, se desmonta e se apresenta antes de congelar ou estabilizar.

narrativas dispostas por essas redes se desmancham nos processos de invisibilidade e deixam de produzir artifícios educativos capazes de contribuir com a formação do público jovem. Isso gera hipóteses de uma construção cultural, dentro de um sistema econômico/social, que fabrica indivíduos alienados, omissos, sem singularidades, infelizes, ressentidos e violentos. Um clássico retrato do movimento da ação entre estrutura e agência que se repete rotineiramente nas esferas de formação do “social”.

Apesar das insistências, as centelhas de produção das expressões criativas no espaço coletivo são fraquejadas antes do refinamento e, muitas, não conseguem alcançar as instâncias acadêmicas, os meios de transmissão e as galerias de arte. A máxima de cultura, como um sistema em que ocorre a comunicação de forma dialética, o qual resultaria em um saber constituído, seria talvez eficaz se os diálogos realmente fossem efetivados.

Dispondo-se das técnicas de repetição, o mercado cultural coage o indivíduo a subjetivar guiadamente, a sentir, a comprar, a ouvir, a se enxergar etc, em virtude da grande quantidade de forças humanas e não humanas que agem sobre ele. Uma desproporcionalidade abismal se criarmos uma equação entre a energia de um híbrido isolado das camadas educativas e a estrutura associativa que o cerca, o que pode resultar na diluição de sua resistência intelectual individual.

Uma vez que as realidades não são explicadas pelas práticas ou crenças, mas são produzidas nelas, por elas, com elas (LATOUR, 2012), a urbanografia contribui para essa produção e se constitui como rede híbrida, efeito de uma cadeia de padrões desencadeados previamente.

ATRAVESSAMENTO DE FLUXOS E DINÂMICAS

Ao fundamentar e sugerir novos caminhos para subjetivar a manifestação de expressões artísticas em espaços públicos, esta pesquisa congrega com a sociologia das associações, que nos traz diversas razões para levar em conta a ideia do humano e não humano como objetos de um processo muito complexo de significação.

Seguindo a noção de rede da TAR é possível revelar uma conjugação de interesses vindos de muitos lugares dispersos (ou não) que se apóiam numa extensa e convergente produção. Isso caracteriza o reconhecimento de propriedades dentro das relações entre as próprias coisas⁵ em uma espacialização plana. Nesse universo, as análises desabrocham em

⁵ Para Latour (2012), as coisas também agem, autorizam, permitem, proporcionam, encorajam, sugerem,

situações favoráveis, o que pode levar a crer nas possibilidades de um acompanhamento das dinâmicas móveis e associativas das manifestações de arte urbana, constituindo-se interpretações para além das infraestruturas existentes.

A urbanografia, com a sua disponibilidade da diversidade, proporciona a heterogeneidade da arte-educação e os trânsitos culturais permeiam a estrutura deste fluxo que emancipa a capacidade educativa e identitária dos contextos de saberes. Funciona como uma associação de coisas que contribui para o espelhamento de ações que transcendem o micro no macro e vive-versa.

MEDIAÇÃO CULTURAL E IDENTIDADE

Se por um lado as pessoas vivem em um universo de desagregação, caos e desorganização, ampliando a probabilidade de desintegração (WIENER, 1954), por outro se espelham níveis altíssimos de operacionalidades variadas e características distintas, ainda que desorganizadas e pouco ramificada entre as camadas sociais. Sucumbir as raízes que se espalham é o mesmo que reajustar o caos e ferir a concepção da cultura como um campo de constituição do comportamento humano.

Tratar de identidade cultural, portanto, exige a articulação situacional da cultura em um determinado tempo e espaço, além de vinculá-la às interferências dinâmicas de processos exógenos, uma vez que a identidade é um campo complexo e está em constante mutação nos indivíduos, caracterizando-se como

[...] algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo imaginário ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada. (HALL, 2005, p. 38)

Além disso, o campo de constituição da identidade também incorpora as ações de dominação, gerando um espaço para novas assimilações a partir dos princípios de construção e ponderação das dinâmicas abandonadas (BOURDIEU, 1974).

As relações sociais, de modo geral, percorrem vias direta ou indiretamente conectadas à indiferença civil (GIDDENS, 2002), independentemente dos valores compactuados e ambientes compartilhados. É com esse reconhecimento mútuo que, em cultura, existem múltiplas mediações para a produção do espaço. Os rituais de comportamento

influenciam, bloqueiam, dificultam, conectam etc.

mediação do conflito próprio das operacionalidades, que os dificulta de exercitar a mais importante das habilidades humanas: produção de especialização, a incorporação da diversidade dos valores culturais.

A compressão dessa rede – em formação na disputa pela estabilização - nesse espaço de mediadores e intermediários⁶, configura uma baixa na seta exponencial da capacidade crítica e criativa de tudo que conjuga. A análise dos sistemas específicos de sociabilidade leva a considerações preocupantes quanto ao que se pensa da formação educacional de um povo. O ensino público, por exemplo, tenta aos seus passos, ampliar o conhecimento crítico na arte-educação à medida que se distancia de noções de diversidade. Oferece, ao invés da busca, a censura. O trânsito dialógico entre educação, arte e cultura comporta objetivos característicos para a emancipação da subjetividade, como a reconstrução e adaptação de saberes às realidades e necessidades.

Quão seria válido se todo homem tivesse o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade e de fruir as artes. Estudiosos têm considerado fundamental a influência da cultura como formadora da consciência. Qualquer que seja a opção de um indivíduo, nos dias de hoje, ele estará se relacionando com aquilo que se chama de cultura, um conceito que a cada dia ganha mais importância para o tema cidadania. Isto porque a cultura é hoje parte importante da vida das pessoas (Figura 1). O elemento oral, por exemplo, permite o conhecimento e compreensão de valores sociais, religiosos, educacionais, normas, comportamentos. “Não dá para imaginar uma atividade da vida moderna que esteja fora da cultura, em suas múltiplas manifestações” (DIMENSTEIN, 2005, p. 122).

Também a segregação dos lugares de convivência, espaços públicos de sociabilidade e dos serviços básicos, ajuda a ampliar as desigualdades. Resultado: a mobilidade das associações se torna cada vez mais aristocrática. Quando, justamente, o estímulo e o negociar das ações colaboraria na construção de identidades sensíveis à diversidade cultural e à solidariedade por compromisso de cidadania, bem como do sentimento de auto-estima e pertencimento comunitário.

⁶ Intermediário é uma noção complementar a de actante. Ele não modifica. No entanto, o intermediário pode se tornar um actante a qualquer momento.

CONCLUSÃO

O momento de transformação e amadurecimento das dinâmicas urbanas requer atenção para as associações através de práticas que não anulem as particularidades de seus componentes. Nesse sentido, não devem ser pensadas como totalidades. Tais mudanças estão intrinsecamente ligadas à formação de caixas-pretas⁷, tomando em consideração uma perspectiva de evolução, desenvolvimento e progresso.

Dentro da manifestação de arte urbana, a amputação de seus mediadores gera para a cidade a invenção de problemas a serem resolvidos, demandando a construção de novos mecanismos de opressão. No lugar da interpretação, torna-se mais conveniente reprimir os deslocamentos, quando, na realidade, a urbanografia - enquanto rede de circulação de ação entre coisas - é que se expande e se



Foto 2: Intervenção na estátua de Dom Malan na cidade de Petrolina (PE). Cecilio Bastos, 17/04/2014.

contrai a todo momento (Foto 2). Considerando o princípio de simetria ou ontologia plana – sujeitos e objetos têm a mesma importância (LEMOS, 2013) – uma conjugação de desperdício e ignorância, uma vez que parte do processo ocorre no indivíduo e para ele convergem todos os sistemas de representação, de sensibilidade, de percepção, de linguagem, de comunicação etc, produzidos no meio em que vive. Para tanto,

[...] a subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização. (GUATARRI, 1986, p. 33)

Implica, por conseguinte, que o rastreamento da mobilidade com que a urbanografia se apresenta, através de seus actantes (artistas, contexto geográfico, sprays, pincéis, tintas, moldes etc), resgata o conhecimento contextualizado, potencializando-o com mérito que tem

⁷ Para a TAR, significa a estabilização, a resolução de um problema.

direito. Isso contribui para a formação de indivíduos inseridos no mundo contemporâneo dinâmico e diverso, carregando a capacidade crítica e criativa com originalidade. Porque, ao carregar a bagagem do conhecimento, o indivíduo, no processo de criação, irá pesquisar a própria emoção, libertar as tensões, ajustar e organizar os pensamentos, sentimentos, sensações e hábitos laborais.

REFERÊNCIAS

ADORNO & HORKHEIMER. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Images in spite of all**. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

DIMENSTAIN, Gilberto. **O cidadão de papel**: a infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil. São Paulo: Ática, 2005.

_____. **O mistério das bolas de gude**: histórias de humanos quase invisíveis. São Paulo: Papyrus, 2006.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Plínio Dentzien (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GUATTARI, Félix. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUIMARÃES, César. **Imagens da memória**: entre o legível e o visível. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Touro (Trad.). 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Gilson César Cardoso de Sousa (Trad.). Salvador: Edufba, 2012. Bauru: Edusc, 2012.

LEMONS, André. **A comunicação das coisas**: teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.

WIENER, Norberto. **Cibernética e sociedade**. São Paulo: Cultrix, 1954.

Anexo A



Cecilio Bastos, 08/04/2014

Anexo B



Cecilio Bastos, 17/04/2014